

Alemanha: Fischer e Schröder concorrem no gás natural

29 de Junho, 2009 - 20:08h



Alemanha envolveu duas das suas mais activas personalidades políticas dos últimos anos em posições relevantes nos dois projectos concorrentes de pipelines que trarão gás natural à Europa: Joschka Fischer, de um lado, e Gerhard Schröder, do outro. **João Alexandrino Fernandes** explica o que está em causa.

Na sua edição de 25 de Junho, um dos jornais diários de maior leitura e de maior reputação na Alemanha, o *Süddeutsche Zeitung*, de Munique, através de um artigo de Hubert Wetzel e citando uma outra fonte, o *Manager Magazin*, noticiou que Joschka Fischer, o antigo vice-chanceler e ministro dos negócios estrangeiros do governo do chanceler Gerhard Schröder, subscreveu agora um contrato para promover o projecto Nabucco e colaborar na sua concretização.

Nabucco é o nome dado a um pipeline destinado a trazer para a Europa o gás natural da região do Mar Cáspio e do Próximo-Oriente. O pipeline fará o seu caminho pela Turquia em direcção à Áustria. Terá uma extensão de cerca de 3.300 Km, e, o que é extremamente importante, não atravessará território da Rússia, fazendo desta forma com que a Europa ocidental fique mais independente dos fornecimentos do gás russo, evitando ainda o percurso por países inseguros, como é o caso da Ucrânia. O projecto Nabucco, no qual também participa o consórcio de energia alemão RWE, é um dos projectos de energia mais importantes para a zona da União Europeia.

O projecto defronta para já muitas dificuldades. Ainda não é certo

que países vão fornecer o gás para o pipeline. Possíveis países exportadores da Ásia central, como o Cazaquistão, o Uzbequistão e o Turcomenistão têm até agora exportado o seu gás através da Rússia. Moscovo vende-o depois à Europa, com uma percentagem de lucro sobre o preço de aquisição. Acresce ainda o facto de que a Turquia, como principal país de passagem do pipeline, exige condições especiais no preço do gás.

Os

defensores do projecto Nabucco já há muito que exigem um maior empenho político dos europeus. Uma primeira intervenção política da União Europeia já ocorreu em 2007, quando a União Europeia constituiu o antigo ministro dos negócios estrangeiros holandês Jozias van Aartsen como seu encarregado para o projecto Nabucco. No entanto, van Aarsten deixou o cargo pouco depois, para se tornar presidente da câmara de Haia. Agora será Fischer o encarregado da promoção política e pública do projecto, e a sua principal tarefa será trabalhar na resolução dos problemas com a Turquia.

O

insólito da situação é que esta suposta nova actividade de Joschka Fischer parece poder resultar numa concorrência com o seu anterior chefe de governo, o ex-chanceler Gerhard Schröder. É que este é o presidente do conselho de accionistas do pipeline Nord Stream. O que é então o Nord Stream?

Nord

Stream é um projecto conjunto de quatro grandes fornecedores de energia, Gazprom, BASF/Wintershall, E.ON Ruhrgas e Gasunie. O accionista maioritário, e que detém a posição dominante no projecto, é o consórcio russo Gazprom.

Trata-se

de um pipeline submarino, que vai ligar a Rússia e a União Europeia pelo fundo do Mar Báltico. O pipeline terá cerca de 1.220 Km de comprimento, afundará em Wyborg, na Rússia, perto de S. Petersburgo e irá sair a Greifswald, na costa alemã do Mar Báltico. Será composto por duas condutas paralelas. A primeira estará concluída no final de 2011 e terá uma capacidade de transporte de cerca de 27,5 mil milhões de metros cúbicos de gás natural por ano. A segunda conduta estará pronta em 2012 e aumentará a capacidade de transporte do pipeline para o dobro, 55 mil milhões de metros cúbicos por ano. Calcula-se que através deste fornecimento podem ser abastecidas de energia 25 milhões de famílias europeias. O custo total do investimento neste projecto está orçamentado em 7,4 mil milhões de euros. Prevendo-se que as importações de gás natural pela União Europeia cresçam para 200 mil milhões de metros cúbicos por ano até 2025, o Nord Stream, transportando 55 mil milhões de metros cúbicos, cobrirá desta forma cerca de 25% das necessidades totais.

Ora,

o problema que se coloca é que o Nord Stream será o meio principal para a importação do gás natural da Rússia, e por esse motivo o maior accionista do projecto é a Gazprom. A Gazprom tem todo o interesse neste pipeline. Por um lado, porque lhe permite continuar os seus lucrativos negócios com a União Europeia, dispondo para tal de um novo meio de transporte, mais seguro, ocupando uma extensão menor, de grande capacidade e construído com a tecnologia mais avançada que existe para este tipo de obra. Não é portanto de estranhar que a Gazprom tenha contratado para o projecto Nord Stream o antigo chanceler alemão Gerhard Schröder, amigo pessoal de Vladimir Putin, e que logo ao deixar a chancelaria alemã começou o seu trabalho para a Gazprom.

Por

outro lado, a Rússia dispõe assim de um meio político de pressão sobre a União Europeia, que será tanto maior quanto mais a UE depender de uma fonte de energia a que só tem acesso através das relações com a Rússia.

Agora,

com a construção do pipeline Nabucco, em que estará envolvido Joschka Fischer, a Rússia vê-se afectada nas suas perspectivas de negócio com a União Europeia. O projecto Nabucco, prescindindo do gás natural russo e evitando a passagem pelos territórios russo e ucraniano, diminui a pressão que o governo russo pode exercer sobre a União Europeia, deixando-lhe menos margem política para a negociação dos preços dos fornecimentos. Embora a União Europeia possa absorver os fornecimentos adicionais de gás do Nabucco, continuando as suas compras à Rússia, a pressão que a Rússia exerce sobre o preço terá necessariamente que abrandar. A própria perspectiva da construção do Nabucco, sobre a qual não existem ainda verdadeiras certezas quanto à viabilidade, já pode neste momento ser usada pela União Europeia como instrumento de pressão político.

Quem

mais vantagens retira de toda esta situação é a Alemanha. Note-se que a Alemanha está a desenvolver a sua política de segurança energética para o futuro. Por um lado, a Alemanha participa através dos seus consórcios energéticos nos dois projectos aparentemente concorrentes, a RWE no Nabucco e a E.On Ruhrgas no Nord Stream. Para os consórcios alemães, essa concorrência não é importante, importante para os interesses da Alemanha é ter uma participação em todos. Depois note-se que a Alemanha envolveu duas das suas mais activas personalidades políticas dos últimos anos em posições relevantes nos dois projectos, Joschka Fischer no Nabucco e Gerhard Schröder no Nord Stream. Por último a Alemanha tem posições privilegiadas no controle da distribuição. No caso do Nord Stream, porque o terminal do pipeline é em Greifswald, em território

alemão. O Nabucco, saindo do território da Turquia pela Bulgária, atravessará a Roménia e a Hungria e vai terminar ao grande centro energético austríaco em Baumgarten an der March, situado na fronteira entre a Áustria e a Eslováquia, 40 Km a leste de Viena de Áustria. A situação posterior é ainda indefinida, porque depois de chegar à Áustria, o gás natural transportado pelo Nabucco terá de ser distribuído pela União Europeia. Ora, em Baumgarten an der March encontra-se o distribuidor de combustíveis austríaco OMV. A OMV realiza os seus negócios com o leste europeu, excepção feita à Itália, e funciona também como distribuidor do gás proveniente da Rússia para a Europa Ocidental, ao qual o Nabucco pretende agora ser uma alternativa. No entanto, já desde 1991 que a OMV também procura implantar-se no mercado alemão, tendo já uma rede de distribuição de combustíveis no sul da Alemanha. Por outro lado, a Alemanha já definiu claramente os seus interesses quanto à distribuição futura do gás transportado pelo Nabucco até Baumgarten an der March, na medida em que do grupo de consórcios que vai construir o pipeline, o único participante da Europa ocidental, para além da OMV austríaca, é precisamente a RWE alemã. Ou seja, sem a intervenção ou contra os interesses da Alemanha, não é razoável pensar na distribuição do gás natural do Nabucco de Baumgarten an der March para ocidente.

O
aprovisionamento energético é para a Alemanha uma questão essencial. Como país industrializado e líder da economia europeia, a Alemanha sabe que do fornecimento de energia depende o seu futuro e, por isso, mesmo no quadro conflituoso da actual política internacional, os políticos e industriais alemães traçam os seus cenários, fazem as suas previsões e actuam em conformidade, sem esperar que as insuficiências surjam. Esta é uma posição partilhada por todos os quadrantes políticos alemães, da direita à esquerda. Existem certamente divergências quanto aos métodos, mas quanto à finalidade, não há duas opiniões: a energia é uma questão fundamental para o futuro do país, que tem de ser resolvida agora, e não um dia, quando os problemas se manifestassem. Aí seria demasiado tarde.

E
nós? Greifswald e Baumgarten an der March ficam muito longe de Portugal. O gás natural que no futuro nos chegar terá de ser para aqui transportado, de uma forma ou de outra. E de algo podemos desde já ter a certeza: tal como o caudal dos rios que vêm de Espanha, dos quais só nos chega a água que o nosso enorme vizinho deixa passar, também aqui só nos chegará a energia que os países industrializados do centro e norte da Europa deixarem cá chegar; a nossa participação na União Europeia não será suficiente para alterar esta condicionante.

Devíamos

começar a pensar nisso seriamente. Porque enquanto pensarmos que política de energia consiste em vender aos interesses privados os recursos naturais públicos, sem que daí resulte qualquer melhoria ou acréscimo de responsabilidade perante a população pelos serviços prestados; enquanto pensarmos que política de energia consiste em enriquecer os detentores dos grandes interesses privados, depauperando o nosso já escasso sector público; enquanto pensarmos que política de energia consiste em cortar o abastecimento de água e luz às famílias que, empobrecidas, não conseguem pagar as suas contas; enquanto pensarmos que política de energia consiste em não repercutir no consumidor as descidas do preço do petróleo para aumentar os lucros da distribuidora, então, e para além do manifesto abuso dos recursos do país e da exploração anti-social da sua população, não estaremos a pensar na nossa posição no futuro. Se continuamos a proceder assim, e dada a evolução a que assistimos, não vamos apenas um dia ficar mais pobres, vamos ter que construir sujeições económicas e políticas tão profundas que implicarão algo de mais importante: implicarão que deixaremos de poder subsistir como país independente.

João

Alexandrino Fernandes

Fontes:

Engagement in der Erdgas-Branche : "Fischer
berät Nabucco", artigo de Hubert

Wetzel,

no Sueddeutsche Zeitung de 25.06.09, em www.sueddeutsche.de [1].

Sobre

o projecto Nord Stream, a informação ao público em

www.nord-stream.com [2],

sobre o projecto Nabucco, a informação ao público em

www.nabucco-pipeline.com [3],

sobre a OMV, a informação ao público em www.omv.com [4]

, sobre Baumgarten an der March, entre muitos outros sites possíveis,

Georg

Renner

(Die Presse), "Lokalausweis: Am österreichischen Ende der
Pipeline", artigo de 08.01.09, em <http://diepresse.com> [5].

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)

- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

URL de origem: <http://www.esquerda.net/node/5562>

Ligações:

- [1] <http://www.sueddeutsche.de/>
- [2] <http://www.nord-stream.com/>
- [3] <http://www.nabucco-pipeline.com/>
- [4] <http://www.omv.com/>
- [5] <http://diepresse.com/>